

PAISAGEM DE PRAIA¹
Landscape of the beach

Aline Lúcia Nogueira Medeiros²

RESUMO

Penso a paisagem de praia, suas inúmeras presentificações, no desdobrar de uma composição intersubjetiva e essencial – em uma orientação fenomenológica husserliana. Encontro, ainda, instigações na geograficidade dardeliana e na atenção às sensações, provocação de Michel Serres. Apresento aqui a praia e suas nuances, investigação iniciada no mestrado e esmiuçada na dissertação defendida em 2017, agora em uma reflexão centrada na concepção de paisagem. Sinto: a praia, desvelada em essência, está contida no movimento próprio da água, que erode, transporta e deposita. Do solo que suporta quando a água se eclipsa, temos praia. A praia sustenta o corpo, impulsiona os pés. A paisagem de praia acolhe a exposição do corpo e estimula a curtir pele. É abrigo frente à impossibilidade de sustento da água, é a ligação com o mundo aquático absurdo. É solo para mergulhos mais profundos.

Palavras-chave: Geografia. Fenomenologia. Experiência. Mar. Rio.

ABSTRACT

I think the landscape of the beach, its innumerable presentifications, in the unfolding of an intersubjective and essential composition – in a Husserlian phenomenological orientation. I also find instigations in the dardeliana geographicity and in attention to sensations, provocation of Michel Serres. I present here the beach and its nuances, research initiated in the master's and detailed in the dissertation defended in 2017, now in a reflection centered on the conception of landscape. I feel: the beach, unveiled in essence, is contained in the proper movement of water, which erodes, transports and deposits. The beach comes from the ground that supports when the water moves. The beach sustains the body, propels the feet. The beach landscape embraces the exposure of the body and stimulates the skin tan. It is shelter in front of the impossibility of sustenance of the water, it is the connection with the absurd aquatic world. It is ground for deeper dives.

Keywords: Geography. Phenomenology. Experience. Sea. River.

1 Esse texto traz algumas reflexões desenvolvidas na minha dissertação mestrado, intitulada "A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas", defendida em agosto de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, sob orientação do prof. Dr. Carlos Fernando F. Lobo e coorientação da profa. Dra. Virgínia de Lima Palhares (MEDEIROS, 2017). Financiamento: bolsa de pesquisa CAPES.

2 Geógrafa pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014); Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017) e bolsista CAPES (2015-2017); membra do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista (NPGEOH/UFMG). alinelmed@gmail.com.

✉ Rua Patrocínio, 242, Bairro Carlos Prates, Belo Horizonte, MG. 30710-140.

“Lá no meu sertão plantei
Sementes de mar
Grãos de navegar
Partir
Só de imaginar, eu vi
Água de aguardar
Onda a me levar
E eu quase fui feliz”

Grão de Mar (2006)

“Nada tão profundo como a paisagem, o rosto e a pele”, já nos disse Michel Serres (2001, p. 280), filósofo das sensações, recentemente falecido. Sigo suas provocações em pensar e sentir, que causam no corpo, na espontaneidade do encontro com suas palavras, desdobramentos reflexivos. Um pouco à maneira poética exposta por Gaston Bachelard (1978, p. 192), filósofo dos elementos, quando diz:

[...] o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem.

Segura no corpo o êxtase da novidade dessa imagem revelada: a paisagem tão profunda quanto o rosto e a pele. Rosto que é revelação das vertigens do corpo interior e sensível e da coloração desse encontro do ser, que é consciência em carne, com o mundo. Pele que é ponte sentida e sensível, eriçável. A paisagem se desdobra infinita, com mensagens sutis e oportunidades de encontro, de conhecimento e reconhecimento. É a profundidade do contato mais íntimo.

Marandola Jr. (2013, p. 6) afirma que a paisagem “é uma forma de ser invadido pelo mundo”. Ao sublinhar a interação, no contato, na

expressão ou na ponte sensível entre o ser e o mundo – entre o íntimo e o exposto –, o rosto, a pele e a paisagem se tornam composições vastas, em que os dois polos da relação essencial ser-mundo transitam e se confundem.

A paisagem é, ainda, uma forma de invadir o mundo, se colocar no espaço, sentir e criar. A paisagem envolve o ser no conteúdo do espaço. A paisagem cansa os pés. Ao indagar o que compõe uma paisagem, Marandola Jr. (2014, p. 11, destaques acrescentados) questiona:

Por outro lado, precisamos subir e olhar para descrever a paisagem na qual vivemos? Não, pois a paisagem se constitui na experiência sensível do visível e do invisível e assume uma totalidade não dita, mas sentida, no ser-lançado-no-mundo, ou seja, na vida cotidiana tácita característica da experiência no mundo da vida. Este é o **sentido fenomenológico de paisagem**.

Frente ao imperativo do ver, Marandola Jr. retoma: não é preciso ver para descrever. A vista não abarca tudo que dá tonalidade a uma paisagem, pois o invisível também a compõe. Há qualquer coisa de infinito, uma abertura que favorece sempre novas oportunidades de experiência.

A paisagem, como o rosto e a pele, é feita na imensidão da intimidade, nessa relação que também explora o filósofo Bachelard (1978, p. 198).

Descobrimos aqui que a imensidão íntima é uma intensidade, uma intensidade do ser, a intensidade de um ser que se revela numa vasta perspectiva de imensidão íntima. Em seu princípio, as “correspondências” acolhem a imensidão do mundo e a transformam em uma intimidade de nosso ser íntimo. Elas instituem transações entre dois tipos de grandeza.

A intensidade da paisagem acolhe a imensidão do mundo e a transforma em uma intimidade do nosso ser. Pois isso se revela mesmo

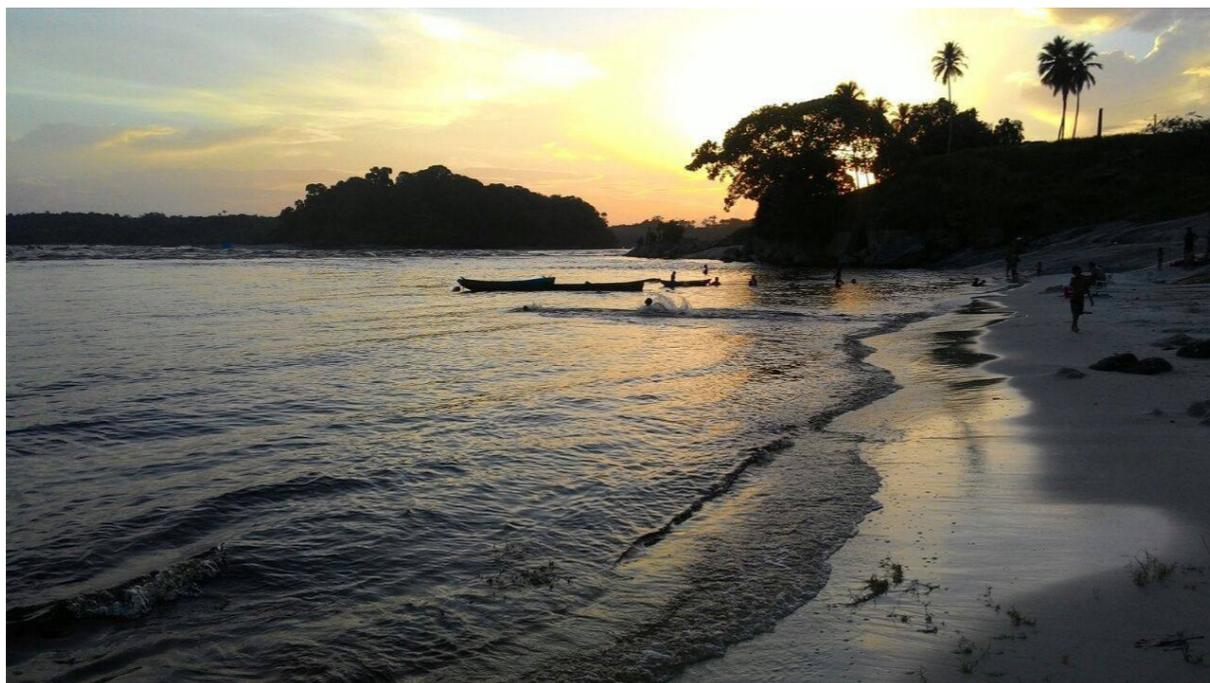


Figura 1 – Orla, Rio Negro
Fonte: A. L. N. Medeiros, 2017.

em sua essência: paisagem que é da ordem do sentir. Afirma Marandola Jr. (2014, p. 13, destaques acrescentados) que “este seria um sentido fenomenológico de paisagem: **um sentir em mistura como ser-lançado-no-mundo**”.

Penso aqui a paisagem de praia; mas parto desse sentir em mistura como ser-lançado-no-mundo, da paisagem que é intensidade e acolhe o mundo e o transforma no corpo. A praia que aparece, então, se lança em inúmeras confusões sensíveis: corpo, mundo, água. Caminha contida nas gotas de chuva, transforma e levita sonhos. A praia aparece nos cantos do mundo e da boca.

... A PRAIA APARECE

As águas se reúnem. Vêm deslizando desde as nuvens, negras de prenúncio fértil e tempestade, até as terras, topo de árvores, rochas expostas em canga dura e vermelha. As águas batem no solo e deslizam detritos, mas também

mergulham em absorção, infiltram. Das que infiltram, temos vestígios: nas raízes que adentram terra e sugam criando carne dura de tronco de árvore e mole de folhas; nas rochas quebradas, rachadas, fragmentadas com um início de dissolução aquosa; nas grandes porosidades rochosas nos subterrâneos do mundo.

As águas brotam em muitas formas distintas. A beleza de cada um desses partos na terra é singular. Eclode terra em jorro pequeno, em poço alagado, em água que sai da fenda rochosa. Escorre. Desce um fio aqui, outro acolá. Sobre o morro de terra e em seus abraços, ravinados, temos água que se arrasta e cai. Explode as cores de verde, as frutas de madura. É doce, é vida.

Das águas que se arrastam, vemos os sulcos que deixam na terra. Varam pequenas linhas em movimento descendente, se interceptam e se reúnem. Os sulcos marcam a terra, testemunhas de sua passagem. As águas se reúnem e descem. Regatos, córregos, fios d’água: água que corre junta.

O exemplo do rio nos alegra: partindo de uma fonte ou de várias, desce o talvegue para o mar ou o lago, à primeira vista, diríamos que corre, turbulento ou tranquilo, para seu equilíbrio; verdadeira para cada gota d’água, esta afirmação pode ser sustentada para o rio? Ele se mexe, é claro, mas repousa, estável, em seu leito admiravelmente denominado. Parece correr, mas de certa maneira dorme. [...] O rio cava uma estabilidade global, do princípio a foz. Homeorréia. Seguimos seu curso de um ribeirão assim na formação embrionária, da fecundação ao nascimento, e o leito de um rio semelhante, até a hora da morte? (SERRES, 2001, p. 296)



Figura 2 – Praia do Telesfóro, Minas Gerais.
Fonte: A. Bessa, 2013.

Os rios nascem no entrelaçamento dos fios d'água que cortam sulco ao descer as serras e montanhas. Dão caldo, fazem grossura. De fiapo, minhoca, vira lagarto, cobra e dragão. Os rios correm água violenta, rasgam a terra e levam suas rochas, pedras, seixos. Fazem vales, afunilam em seu entorno alto de terra, areia, pedras. Sedimentos diversos que as águas deixam em sua pressa de correr. Testemunhas de suas passagens.

Os sons das águas que correm são composições de alento à mente. Aquietam. O tilintar das águas agradam os ouvidos. Confortam. A água ruidosa fala da cólera, da raiva. Há uma continuidade entre os sons da água e os sons humanos (BACHELARD, 1989). O filósofo dos elementos intenta demonstrar em sua obra dedicada à água que:

[...] as vozes da água quase não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana (BACHELARD, 1989, p. 17).

Enquanto realidade poética direta, a água fala em mensagens essenciais, compreensíveis no instante em que se lançam. Não se trata de uma metáfora. Assim, para o autor, a água é um ser total, dotado de corpo, voz e alma (BACHELARD, 1989). A água se desdobra em corpo de rio e de mar, permitindo com a sua totalidade de ser interagir com as gentes.

Os rios vão cobrindo terra, reunindo água, deslizando longas e longas jornadas. Correm e se acalmam, barrados, espriados. Fazem curvas onde não cavam terra, rios que se fazem cobra. Reúnem tanta água que não se vê fim. Deixam areia, fazem bancos. Lar de tantos animais, que oscilam habitar entre terra e água.

Se em um primeiro momento pensamos as praias como lugares à beira-mar, agora a surpresa. Rios tão longos que suas faixas na areia fazem praia. Praias de água doce, onde não se vê o fim dos lugares, mas uma intersecção muito longa. **A praia é o espaço que adentra a água em chão cristalino de areia que segue submerso para além das pernas que o pisam. A praia é solo seguro para o corpo que se lança na paisagem.**

Éric Dardel (2011, p. 22), geógrafo francês, nos diz sobre a praia que ela é beira e ponte para o mundo líquido:



Figura 3 – Orla, Rio Negro.
Fonte: A. L. N. Medeiros, 2017.

“Uma praia? Esse lugar privilegiado de um diálogo, ou melhor, esse diálogo material sem o qual o mundo líquido não passa de um ‘mundo absurdo’, de um reconhecimento vão”. O mundo líquido é o mar, extensão sem fim de águas salgadas e profundas que o olhar perde na curva do mundo, mas é também o rio, cobra ou dragão d’água que carrega em si montanhas.

De praia doce de rio em meio a imensidão verde da floresta amazônica, o desfrute das gentes aparece com o recuo d’água que expõe a areia. Se o rio sobe, a areia some e com ela a praia. O rio que antes era degustado pelo corpo imerso nos seus movimentos próprios, sedutores e potencialmente perigosos, vira material para os olhos, a distância. As apreciações da corredeira doce em meio as pedras fazem mais cachoeira que praia. Já a areia, essa dá solo e possibilidade de abrigo.

Se na água logo à frente temos a fluidez líquida do contínuo e maleável, na areia vivemos o fragmentado. Pequenos grãozinhos duros e cristalinos que,

quando vistos de perto, revelam-se de toda espécie de cor e formato. Eles se atritam com o corpo, retirando nossos próprios tecidos sobressalentes de carne, peles em fiapos indolores. Descamamos em seus fragmentos duros. Já a água, essa nos dilui. Amolece as camadas duras dos pés descalços, de modo que a limpeza (que aqui não é doce na pele, mas mais profunda) vem do atrito com os grãos, que removem nossas peles mortas.

A praia é mesmo vivenciada na areia. Dos seus fragmentos cristalinos vêm a possibilidade de um chão que se molda e aceita o corpo que se estende ou caminha, que se coloca a brincar. A areia é permissiva em sua maleabilidade cristalina. O corpo que se lança na areia tem a possibilidade de fazer abrigo próprio.

A areia é uma parte fundamental da praia. Ouvi de uma criança em busca da praia que areia é próprio sinal de sua proximidade. Ela apresenta uma continuidade com a água que a segue, pois ambas envolvem o corpo e o aceitam. A estabilidade que a areia permite, entretanto, dá mesmo as possibilidades para o desfrute da água. É preciso chão que comporta agradável o corpo em segurança à beira d’água para haver praia.

A praia é a beira-d’água onde o corpo pode vivenciar a si vivenciando o espaço. O solo seguro para se abrigar ao passo que o corpo experimenta a areia e a água, o sol e o céu. Nesse sentido, a praia é antes solo, fértil na possibilidade de desfrute das gentes, que mero substrato. A abertura ao desfrute da paisagem e a exposição aos seus elementos constituem uma ruptura a vivência espacial rotineira.

A capacidade de fazer praia em beira de rio grande, infinito, é potencialidade do corpo que se atira no desfrute

Paisagem de praia

Aline Lúcia Nogueira Medeiros

da paisagem sem desejos transcendentais de renúncia ao sublime. O abrigo é necessário às gentes ousadas. Já para os habitantes do cotidiano do rio, a praia não é tanto solo de espera e diálogo aquoso, mas nutre em si mesma. Nutre os corpos, os pés, o nariz, a boca e os sonhos. A praia que se vislumbra, então, implode a paisagem em conhecimento cotidiano, vira chão que faz lugar: de vida, trabalho e adoração.

A praia é um canto à beira d'água, afinal. Oscila espaço terrestre e aquático, como define Dardel (2011). A praia é possibilidade de abrigo em uma paisagem que desvela mistérios inacessíveis ao nosso corpo que respira ar. Nesse sentido, os rios são partes essenciais do mar, assim como o ar e água das gentes.

Mar desarrumado
de horizontes elásticos
passou toda a noite com insônia
monologando e resmungando
Chegam ondas cansadas da viagem
descarregando montanhas
Fatias do mar dissolvem-se na areia
Parece que o espaço não tem fundo...
- De onde é que vem tanta água, compadre?

(BOPP, 1976, p. 48).

Sinto: a praia, desvelada em essência, está contida no movimento próprio da água, que erode, transporta e deposita.

A essência da praia está contida já nas águas que brotam morro acima e caminham até o mar. A possibilidade da praia já está contida na água que corre e agrega. Ela é vislumbrada nos cantos dos rios, que cospem areia e oscilam água na planície. Que permitem o abrigo das gentes, o acesso ao sabor e ao alimento. Os rios, caminhos d'água com corpo e voz própria, testemunham modos de vida e morte. Se

chegam ao mar, com força e férteis, podem fazer foz rica em mangue e possibilidade de trabalho e vida.

Ao aparecer a praia de rio, água doce, horizonte finito ou infinito, cores escuras frente ao céu que se descortina azul, a própria essência da praia sussurra seus limites, suas possibilidades. A materialidade sensível da paisagem praiana se desdobra em outra vivência: rio. A água traz e leva o germe e a semente da praia em si. Constitui sua essência de maneira a brotar. Do solo que suporta quando a água se eclipsa, temos praia.

A praia sustenta o corpo, impulsiona os pés. É abrigo frente à impossibilidade de sustento da água, é a ligação com o mundo aquático absurdo. A paisagem de praia acolhe a exposição do corpo e estimula a curtir pele.

À beira-d'água, o corpo é mais visível. Visibilidade é apenas uma das formas de o corpo ser fora, expressão. Também o tato, o cheiro e o gosto o desvelam, da mesma maneira que o mar é desvelado por todos os nossos sentidos. Na interação pertinente à vida, temos pontes que captam o mundo fora e dentro na pele, mas também no tecido do mundo. A praia é braço da terra em trânsito entre o que se expressa e o que se esconde. Nela nos revelamos para depois nos escondermos.

Assim, o desnudamento que a praia compartilhada aceita do corpo não é pouco relevante. Corpos manchados, marcados, se revelam na praia. Pés, pernas, barrigas, costas e braços expostos ao sol. Expostos aos olhares, revelando ao mundo o que comumente escondemos, nossa carne marcada pela vida.

A pele historiada traz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes de feridas, placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas, eczemas, psoríases, desejos, aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar; ou invisível: traços imprecisos de carícias, lembranças de seda, de lã, veludos, pelúcias, grãos

Paisagem de praia
Aline Lúcia Nogueira Medeiros

de rocha, cascas rugosas, superfícies ásperas, cristais de gelo, chamas, timidez do tato sutil, audácias de contato pugnaz (SERRES, 2001, p. 18).

A pele exposta e curtida pela paisagem de praia se marca em tonalidades próprias, conta novas histórias. A água deixa seus sabores nos cabelos e nas rugas da pele. Michel Serres compartilha a pele historiada, faz pensar nas carícias da água que permanecem no corpo que já não se molha. Na memória da pele que adentra os poros e se aninha em profundidades outras.

O corpo é exposição. Vulnerável às infinitudes da paisagem, desejoso desse contato, ele se estende na praia. O corpo se abre para a água e na abertura ele se revela. Revela sua existência cotidianamente encoberta. Temos todos nossos desembolares de existência. As marcas do corpo e a pele historiada nos dizem isso. O que a praia abarca é a vulnerabilidade de se fazer visível e sensível através do corpo desnudo. Ela incita e às vezes, para quem não se adequa ou ainda não se aceita, a praia é uma violência. Justamente por essa provocação é possível se fazer forte na praia. A água que esconde o corpo é também a que o revela. Aceitar o corpo próprio pode trazer a noção de liberdade que vislumbramos na praia.

A praia é violenta e íntima. “A intimidade é o lugar onde a heterogeneidade se exprime e explicita como tal. À intimidade sempre corresponde, de uma maneira ou de outra, a nudez. O corpo nu é o corpo íntimo” (NANCY, 2015, p. 15-6). A possibilidade da nudez faz a praia íntima. Ela revela os corpos, mas também o que nos corpos queremos deixar escondido. É na intimidade que os corpos se expõem (amém), nas suas existências singulares e diversas, na heterogeneidade que os compõe. Para além das dicotomias, dos padrões, dos esquemas. Por si, em seus gostos e falhas, na pele historiada.

O espaço da intimidade, por essência, é o lugar. “A definição de lugar exigiria fronteiras, no entanto ele se organiza como um nó, aberto e

fechado, como uma estrela, ou um corpo vivo” (SERRES, 2001, p. 252). Como um nó, o lugar nos liga ao corpo e ao mundo. Nos faz realidade de tecido conjunto, num pertencer. Quando o corpo se abre e se expõe em interação sensível com o mundo, pertencemos. Nesse sentido, a “paisagem reúne os lugares” (SERRES, 2001, p. 246), dá possibilidade para os lugares acontecerem na medida em que apreciamos, vivemos e sentimos as paisagens.

A praia, apreciada nos termos de sua paisagem sensível, se coloca como lugar na possibilidade da abertura que expõe o corpo íntimo e o desvela. Passivos e vulneráveis, expostos à carícia das gentes ou do mundo, estimulados pelo devir da experiência: tudo isso pode configurar uma vivência de praia. Para além da vergonha e do medo do corpo exposto.

A praia se coloca como possibilidade de abertura para a intimidade revelada. No acontecer vasto dessa paisagem que se estende em águas salgadas ou doces até o horizonte, vem a ajuda para o desvelar íntimo. Nesse sentido, somos ecos da imensidão na intimidade. A intimidade sempre expõe ou é exposta pela vulnerabilidade, pela abertura do corpo ao mundo ou ao outro. O nó do lugar é a possibilidade da abertura e a fragilidade com o que isso acontece, podendo ser vivido também na apreciação de uma paisagem. O lugar enquanto essência espacial não necessariamente corresponde ao lar, à casa. Pode ir além disso.

Dessa forma, a intimidade que a praia traz é afim da imensidão, de se abrir e expandir. É também proporcionada pela possibilidade de abrigo. Nesse sentido, sentimos um lar nesses cantos do mundo onde podemos nos aconchegar por alguns instantes. A legitimidade da propriedade deles só define os desafios que teremos que enfrentar para nos acomodar, jamais a condição de lugar. Quem vive e sente o lugar é que pode dizer onde ele se encontra e em quais circunstâncias.

Contudo, a praia não é só íntima. Ela é abertura e ponto de partida para a imensidão. A praia é imensidão em si. Ela é imensidão no

Paisagem de praia

Aline Lúcia Nogueira Medeiros

compartilhamento das areias pelos corpos diversos. “A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso” (DARDEL, 2011, p. 31). A paisagem enquanto impulso afeta as gentes. Inspira movimentos que se revelam na pele nua que aprecia o contato. A praia, contida já na água que se movimenta, impulsiona novos desbravares, alturas e chãos – desejo de percorrer montanhas, do céu ao mar.

Michel Collot (2013, p. 26), escritor das ciências literárias, reflete sobre a paisagem. Ele nos diz: “a paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de muitas maneiras e, por conseguinte, também experimentado”. A abertura do corpo que expõe a existência singular e íntima é também a que abarca a paisagem pelos sentidos. A praia que se revela na interação das gentes, pelos sentidos.

Ainda sobre a paisagem, Collot (2013) afirma a existência de um sentimento que a faz sentido. “O ‘sentimento-paisagem’ (*qing-jing*), ao qual a poesia chinesa deu uma expressão surpreendente, não pertence ao sujeito nem ao objeto, mas nasce de seu encontro e de sua interação” (COLLOT, 2013, p. 28). Assim, se de um lado nasce nas gentes os nós que as ligam à paisagem, por outro a própria paisagem se desvela em sentimento. A abertura a exposição na paisagem possibilita o desvelamento do ser e a intimidade que faz nó vivo, que se completa na segurança da areia em oposição ao mundo absurdo e maleável da água.

A paisagem de praia é solo para mergulhos mais profundos.

O pertencimento que expressa a conexão das gentes com a praia adentra o sangue e vira música e fé. Possibilita, também, a leitura das mensagens sensíveis da paisagem praiana, o desvelamento da

intimidade na sua imensidão. Inaugura entidades que trazem em si todas as mensagens da paisagem, do acolhimento à força. Sintetiza e ritualiza. Recupera e transcende.

O corpo que transcende praia, de rio ou mar, o faz por mil canais que tangenciam a pátina da pele exposta. Transcender é adentrar na imensidão íntima, de si ou do mundo, subvertendo profundidades em canais escondidos de exposição. Quando essa transcendência compõe tentáculos entre o corpo e o mundo, aí alcançamos algo sagrado. Alcançar o sublime da paisagem é ir além até mesmo da sua apreciação sensível ou rotineira.

Rose Ponce (2015, p. 8) escreve:

Quero virar mar,
Desaguar as más águas
Sair do leito
Abrir o peito
Quero virar mar,
Já sei o que é ser rio,
Já levei folhas e galhos
Já arrastei corpos inertes.
Quero virar mar
E ser alma profunda
E em marés me guiar
Quero virar mar
E na liberdade das águas
Cavalgar sobre as ondas
E descobrir o sabor salgado
Do sagrado fluir...
Quero virar mar.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Paisagem de praia

Aline Lúcia Nogueira Medeiros

BOPP, Raul. **Cobra Norato e outros poemas**. 11 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectivas, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo J. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n.2, p. 49-64, Inverno 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo J. Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da Conferência proferida no “**Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem**”, realizado dias 9 e 10 de Abril de

2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

MEDEIROS, Aline Lucia Nogueira. A lenta dança no mar na costa ou uma leitura sensível da rafia das ondas. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

PONCE, Rose Kareemi. Quero virar mar... Blog. **Nosso feminino sagrado**, 23/06/2015. Disponível em: <http://nossosagradofeminino.blogspot.com.br/2015/06/>. Acesso em: março de 2017.

NANCY, Jean-Luc. **Corpo, fora**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

Submetido em Outubro de 2019.

Aceito em Março de 2020.